

DE *BRAVO* A *BRABO* E DE VOLTA A *BRAVO*: EVOLUÇÃO SEMÂNTICA, ANÁLISE MORFOLÓGICA E TRATAMENTO LEXICOGRÁFICO DE UMA FAMÍLIA DE PALAVRAS

Alina Villalva¹

João Paulo Silvestre¹

alinavillalva@fl.ul.pt

jpsilvestre@fl.ul.pt

RESUMO: O percurso semântico e derivacional do adjetivo *bravo* está documentado na memória textual portuguesa, permitindo um exercício de datação de formas e sentidos. A relação etimológica com o adjetivo latino *BARBARUS* é, hoje em dia, consensualmente aceite: dela terá herdado um valor semântico próximo do de ‘feroz’, ‘desumano’, e que ainda hoje se encontra disponível. Há, no entanto, uma outra interpretação disponível, quase oposta, e que serve para referir um laço com ‘coragem’ ou ‘valentia’. No Português do Brasil, deparamos aliás com a coexistência de duas formas distintas: uma, *bravo*, idêntica à que está disponível no Português Europeu, identicamente polissémica; mas a outra, *brabo*, exclusivamente atestada no Brasil, possui apenas os valores semânticos negativos. O nosso objetivo é o de compreender o comportamento destas palavras e de outras que com ela estão morfológicamente relacionadas, por comparação de fontes metalinguísticas, tomando como referência as ocorrências e as contextualizações semânticas dos principais dicionários portugueses antigos, do século 16 ao limiar do século 20. Das análises lexicográfica e morfológica resulta uma descrição lexicológica que cobre diversas dimensões do problema e uma proposta de nomenclatura para um dicionário geral de língua, no que respeita à família *bravo*.

PALAVRAS-CHAVE: *bravo*; etimologia; morfologia; lexicografia portuguesa.

1. DESCRIÇÃO DO PROBLEMA

Há, no Português, uma palavra – *bravo* – cuja remota história lexical nos parece merecedora de atenção. A relação etimológica com o adjetivo latino *BARBARUS* é, hoje em dia, consensualmente aceite. Dela terá herdado um valor semântico próximo do de *feroz*, *desumano*, e que ainda hoje se encontra disponível. Há, no entanto, uma outra valência semântica, que por assim dizer quase o coloca nos antípodas do primeiro, já que serve para referir um laço com *coragem* ou *valentia*. Se olharmos para as outras línguas que registam

¹ Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

equivalentes de *bravo*, constatamos que no Castelhana a situação é muito semelhante à do Português, mas no Italiano, no Francês e até no Inglês, só o valor positivo está disponível. E se levarmos em conta o Português do Brasil, deparamos com a coexistência de duas formas distintas: uma, *bravo*, idêntica à que está disponível no Português Europeu, identicamente polissêmica; mas a outra, *brabo*, exclusivamente atestada no Brasil, possui apenas os valores semânticos negativos.

O percurso semântico e derivacional de *bravo* está documentado na memória textual portuguesa, permitindo um exercício de datação de formas e sentidos. O nosso objetivo é, todavia, um cotejo de fontes metalinguísticas, tomando como referência as ocorrências e as contextualizações semânticas dos principais dicionários portugueses antigos, do século 16 ao limiar do século 20.

Procuraremos demonstrar que a consideração destas fontes não se justifica apenas por curiosidade bibliográfica, pois disponibilizam informação essencial ao conhecimento do léxico. O “uso dos dicionários” é, sem dúvida, uma instância artificial que repercute com atraso e distorções os múltiplos usos de uma comunidade linguística. Mas é, em contrapartida, um ponto de encontro que nos permite perceber os consensos semânticos, que são as chaves de entendimento da diversidade e os geradores da criatividade.

2. DESCRIÇÃO DAS FONTES DICIONARÍSTICAS

Para a documentação sobre o uso e o significado das palavras, a linguística histórica e a lexicografia recorrem a corpora textuais cada vez mais quantiosos e diversificados. Todavia, no caso do Português, esta abundância dos recursos informáticos suscita frequentes dificuldades, pois os resultados não podem ser contrastados com os dados obtidos numa tradição de corpora coerentes, relativos a períodos históricos ou tipologias textuais bem delimitadas.

Para o Francês, o Inglês e o Italiano (e também para o Castelhana, com o *Tesoro Lexicográfico de la Lengua Española*, mais recentemente) construíram-se corpora diacrónicos informatizados, que são o alargamento natural de um lastro de recenseamentos lexicais bastante elaborados, compilados manualmente ao longo dos séculos 19 e 20 nestes países civilizados. Os dados que resultam destes instrumentos informáticos podem ser interpretados à luz de conhecimentos acumulados e de tendências de evolução já indiciadas para outros períodos da história da língua.

A língua portuguesa não dispõe de “tesouros” lexicais para o período “clássico” ou para o Português “medieval”. As datações dos dicionários etimológicos portugueses têm sido sucessivamente corrigidas com antedatações de vários séculos, mas permanece a incerteza sobre a frequência relativa das ocorrências e sobre os processos de formação derivacional nos largos hiatos que os corpora não documentam. Para a análise diacrónica da formação de palavras acresce o óbice de muitos corpora se basearem em edições não diplomáticas, o que dificulta o estabelecimento de um nexos temporal. E se alargarmos o problema à clarificação semântica das ocorrências, a homogeneidade tipológica dos textos seleccionados para a comparação diacrónica é outra exigência que nem sempre se pode cumprir nos corpora eletrónicos.

Neste contexto, optamos por uma perspectiva mais circunstanciada, que se documenta no corpus textual de dicionários portugueses, resultante de edições diplomáticas. Os dicionários são o testemunho de um conhecimento autorizado, normalizado e normalizador sobre as palavras que podem ser usadas por uma comunidade linguística e que também informam sobre os seus respetivos campos semânticos. O facto de se tornarem em documentos prescritivos não ilude que representam uma perspectiva subjetiva da língua e do léxico, que não são o repositório de todas as palavras em uso num determinado período histórico e que ignoram inúmeras variedades dialetais, diafásicas e tecnoletais. Ainda assim, recolhem um espectro de palavras derivadas que não se encontram facilmente em outros testemunhos, ou porque são formas com baixo índice de ocorrência na língua, ou porque os autores das fontes textuais preferem umas em relação a outras, sobretudo em casos de aparente sinonímia.

3. BRAVO – EVOLUÇÃO NAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

Para demonstrar a pertinência do recurso a este corpus lexicográfico, revisitamos um caso de família de palavras que tem sido estudado e debatido na longa tradição da filologia românica. *Bravo*, derivado do latim *BARBARUS*, é uma palavra cuja formação se situa no período histórico do desenvolvimento das línguas românicas, de modo que os processos de derivação não podem ser explicados pelo decalque de palavras existentes no Latim do período clássico. Foi objeto de estudo de romanistas como J. Cornu (1884), P. Aebischer (1953-1955) e J. M. Piel (1976), sem que em nenhum destes trabalhos o testemunho dos dicionários fosse especialmente considerado.

O percurso da palavra encontra-se suficientemente esclarecido nos dicionários etimológicos. O étimo indo-europeu está presente em Sânscrito e em Grego, em verbos que significam ‘falar com defeito’, ‘gaguejar’. Na língua grega, desse verbo derivou um substantivo βαρβαρος — ‘os que não falam corretamente a nossa língua’, ‘os estrangeiros’ — com que os gregos designavam os povos vizinhos. A longa história de guerras com os Persas faz com que a palavra adquira um significado pejorativo, especialmente a partir do século 5 a.C., e que o adjetivo entretanto criado passe também a significar ‘brutal’, ‘cruel’. A língua latina decalca um adjetivo *BARBARUS*, desenvolvendo os significados originais: ‘estrangeiro’, mas também ‘inculto’, ‘selvagem’, ‘incorreto’ (este último referindo-se à linguagem)². Na terminologia cristã, *BARBARUS* equivale a ‘gentilis’, ‘paganus’, o que talvez tenha contribuído para a formação de uma nova palavra em romance, que prolongou as aceções do período clássico³.

As diversas formas românicas podem ser explicadas a partir do Latim. A hipótese avançada por Cornu (1884: 110-113) é aceite pela generalidade dos dicionários etimológicos modernos: *BARBARUS* > **barbru* > **babru* (dissimilação) > **brabu* (metátese do segundo *r*). Na península ibérica, a palavra está atestada desde cedo: no Castelhana *bravo* (após 1030), no Português *bravo* (após 1124), no Provençal *brau* (após a 2ª metade do século 11) e no Catalão *brau* (após 1284)⁴.

A palavra apresenta três aceções principais: ‘feroz’, relativo a animais⁵; ‘selvagem’, relativo a plantas; ‘inculto’, relativo a solos. Estas especificações semânticas não sofrem notórias alterações na península ibérica, pelo menos até ao século 15. As atestações para o Castelhana, segundo Corominas, mostram formas em que a palavra se aplica sobretudo a animais, e exprime ‘crueldade’, ‘ferocidade’:

bravura (s. 13)
bravamente: ‘cruel’, ‘ásperamente’ (s. 13); ‘con bravura’ (s. 14)
embravecer, *desbravecer* (s. 13)
desbravar ‘amansar’, *desbravar-se* ‘deponer o dexas su braveza, su ira, su ímpetu’, (s. 15)

² Cf. Chantraine, (1968-1980: 164-165.)

³ Ernout e Meillet (1966)

⁴ Estas datações estão compiladas no *Trésor de la Langue Française Informatisé* (online, s.v. *brave*). Para o Português citam a informação do dicionário etimológico de J. P. Machado (1995, s.v. *bárbaro*).

⁵ Veja-se o substantivo provençal. *brau*, ‘touro’.

A palavra tem uso também em Italiano, O *Tesoro della Lingua Italiana delle Origini* oferece atestações do adjetivo desde o século 14, mais tardias do que as ibéricas, e com uma divergência no valor semântico, pois atribui-se uma conotação positiva:

bravo

— ‘corajoso’, referente a humanos, ‘ardito’, ‘coraggioso’, ‘temerario’; ‘feroce, crudele’ (depois de 1311)

— ‘selvagem’, referente a animais ‘selvaggio’, ‘non domato’ (depois de 1314)

É provável que *bravo* tenha chegado ao Italiano por influência do Castelhana, mas com uma divergência no valor semântico, pois atribui-se adicionalmente um sentido que não se regista nos testemunhos ibéricos⁶. Os testemunhos para o Italiano recuam ao início do século 14. Em alguns contextos mantém-se o valor de ‘cruel’, ‘feroz’, mas em outros o sentido de ‘feroz’ evolui para ‘corajoso’, o que se compreende como uma manifestação positiva de ferocidade⁷. O adjetivo *barbaro*, noticiado desde o século 13, teve em Italiano um uso mais extenso e polissêmico do que na península ibérica, descrevendo costumes de incivilidade, não apenas relativos a estrangeiros, e sempre com um juízo de valor depreciativo⁸. *Bravo*, que seria um termo menos marcado, tinha assim condições para evoluir para uma conotação positiva.

O dicionário da Accademia della Crusca (1612), que é o primeiro instrumento de normalização do Toscano a partir da tradição literária, regista como primeira aceção do adjetivo: «coraggioso animoso, prode della persona. Lat. virilis, audens, strenuus». As palavras derivadas dão continuidade a esta nova delimitação semântica, que por um lado permite uma caracterização positiva (coragem) e que por outro admite que atos de discurso possam ser também classificados como manifestações de ‘bravura’:

E da BRAVO bravare, che è un certo minacciare imperioso, e altiero. Lat. obiurgare.

E BRAVATA. L' atto del bravare. Lat. iurgium.

E BRAVURA. astratto di bravo. Lat. virtus, strenuitas.

No período histórico das primeiras atestações, o Francês não reconhece os sentidos primitivos, pelo que deve ter tomado a palavra do Italiano. À natural intercomunicação entre as línguas, acresce uma valorização da produção literária italiana no século 16. O gosto italianizante dos primeiros autores franceses que atestam as palavras (Rabelais ou Georges de

⁶ Cf. Corominas, s.v. *bravo*, nota 2.

⁷ Cf. *Tesoro della Lingua Italiana delle Origini*, s.v. *bravo* (tlio.ovi.cnr.it/ TLIO/index.php?vox= 006630.htm).

⁸ O *Tesoro della Lingua Italiana delle Origini* define «relativo a persone, cose e costumi di paesi considerati selvaggi e incivili» e «incivile» de forma geral, s.v. *bàrbaro* (tlio.ovi.cnr.it/ TLIO/index.php?vox= 005579.htm).

Selve) confirma que se trata de empréstimo do Italiano, pois recuperam os significados particulares da língua de origem. O *Trésor de la Langue Française Informatisé* regista para o adjetivo *brave*, as seguintes ocorrências e aceções, quase contemporâneas⁹:

‘belo’, pompeuses et braves robes (1535);
‘orgulhoso’, jeunes gens braves et ostentateurs (1541);
‘bom’, falando de uma pessoa (antes de 1544);
‘nobre’, brave origine (antes de 1544);
‘corajoso’ (1549)

Ocorre também um verbo transitivo *braver* (1515), que significa ‘provocar com desprezo’, remetendo novamente para um contexto de ‘bravura de palavras’, próximo da *bravata* italiana.

Os novos sentidos alargam-se à península ibérica, quase na mesma época. A aceitação dos significados pelo Francês literário facilitou a difusão. Para o Castelhana, o dicionário etimológico de Corominas e Pascual dá notícia das seguintes datações:

bravata (1548-51) («fanfarria, valentonada», segundo a definição do *Diccionario de la Lengua Castellana* da Academia Espanhola, 1726);
bravato (adj.) (1548, usado até meados do s. 18) «valentón»
bravoso, bravosear (s. 16)
bravamente, com novo significado, «bien, abundantemente» (s. 17)
bravear («jactarse de valiente», também no *Diccionario* de 1726)
bravo (interjeição, com o mesmo valor do Italiano, c. 1780)

O novo valor semântico parece ter motivado a exploração das derivações: no dicionário académico de 1726 surgem entradas autónomas para *bravosidad*, *bravura* e *braveza*, todas definidas como sinónimos de ‘valentia’.

4. OS DADOS DO PORTUGUÊS

O primeiro testemunho lexicográfico para o Português encontra-se nos dicionários de Jerónimo Cardoso, publicados entre 1560 e 1561. São pequenos manuais didáticos, com nomenclatura bidirecional, mas nas glosas em Português há um relevante testemunho da tradução do espectro derivacional das palavras latinas. Na parte Português-Latim, a nomenclatura tem cerca de 12 mil entradas e deixa de fora muitos casos de derivação sem correspondência em Latim, bem como algumas palavras entendidas como sinónimas de outras já presentes em entrada, e por isso desnecessárias para o acesso ao significado latino.

⁹ *Trésor de la Langue Française Informatisé*, s.v. *brave* (atilf.atilf.fr/).

bravo (ferox)
bravinho (feroculus)
braveza (ferocitas)
bravura (ferociam)
bravamente, (ferociter)
embravecer (effero) / embravecer-se, (excandesco)
embravescido
deseembravecer (deseuio)
embraveamento (exasperatio)

Todas as definições indicam que o campo semântico de *bravo* ainda não contempla os novos significados que se desenvolveram em Italiano e Francês. A tradução latina faz-se com palavras da família de *ferox* (relativo a animais, plantas) nos casos de *bravo*, *braveza* e *bravamente*. Em glosa ocorre *bravura*, mas a tradução latina indica que é sinónimo de *braveza*. *Bravinho* traduz um diminutivo latino, raro, que na tradição literária descrevia o comportamento humano. Nos verbos, *embravecer* distingue-se de *embravecer-se* por este último se referir a humanos, o mesmo sucedendo com *deseembravecer*. Identifica-se ainda um participio *embravescido*, apenas em glosa, mas não se regista qualquer ocorrência de um verbo *embravescer*. Também para o substantivo *embraveamento* (relativo a humanos) não existe o correspondente *embravear*.

Os dicionários de Bento Pereira, publicados em 1634 (Latim-Português) e 1647 (Português-Latim) já testemunham evoluções lexicais e semânticas. A nomenclatura portuguesa atinge as 20.000 entradas e contempla a indexação autónoma de palavras sinónimas em Português. *Bravo* é traduzido por *ferox*, mas também por *truculentus* em última aceção (designando ‘crueldade humana’). *Braveza*, *bravura* e *bravosidade* são descritos como equivalentes, com entradas autónomas e remissões circulares. *Braveza* é definido em contexto de sinonímia cumulativa, na sequência «bravesa, arrogancia, soberba, crueldade». O advérbio *bravamente* passa a expressar intensidade, à semelhança do que se notou para o Francês. A primeira distinção lexical em relação a Cardoso é a introdução de *bravio* (relativo a plantas), restringindo-se o *bravinho* aos animais. A nova forma *bravazinha*, apenas identificada em glosa, é aparentemente equivalente a *bravio*.

Observa-se uma normalização ortográfica que segue *embravecer* como paradigma (*embravecido* por *embravescido*) e substitui-se *embraveamento* por *embravecimento*. A novidade é a atestação dicionarística do substantivo *bravata*, ‘fanfarronice’ (com a forma alternante *barbata*) e do verbo *bravejar*, que, significando em primeira aceção ‘estar furioso’, introduz ainda o conceito de ‘manifestar ferocidade por palavras’. Este verbo coexiste com

esbravejar, que de acordo com as traduções latinas está reservado para a descrição de ações humanas.

bravo (*ferox + truculentus*)
braveza (*ferocia*)
bravura (= braveza)
bravosidade (=braveza)
bravamente (*ferociter*)
bravio (*sylvestris*)
bravinho (*feroculus*)
bravazinha (= bravio) *feroculus*)
embravecer (*effero*)
embravecido (*efferratu*)
desembravecer (*comprimere ferociam alicujus*)
desembravecer (*feritatem deponere*)
desembravecido (*mansuefactus*)
embravecimento (*saevitia*)
bravejar (*ferocio + bacchor*)
esbravejar (*prae iracundia insanire + debacchor*)
bravata, barbata (*verborum jactatio*)

Os dicionários de Rafael Bluteau e de Moraes Silva oferecem-nos novos métodos de descrição da língua portuguesa, que aplicam ao vernáculo a técnica lexicográfica que nos séculos anteriores se tinha desenvolvido e aperfeiçoado para o Latim. Uma língua culta tem de provar que possui um vocabulário diversificado, com uma rede de significados inequívocos, que podem e devem ocupar extensos dicionários. Por isso, os dicionaristas percorrem o património literário acumulado, procurando os usos “expressivos” das palavras, que classificam como usos “metafóricos”.

O *Vocabulario Português e Latino* de Bluteau (1712-1728) reconhece e autoriza com textos literários os novos valores de *bravo*, bem como a sua replicação em palavras derivadas. A distinção semântica não é clara, pois o lexicógrafo acrescenta casos de combinatoria lexical que considera estarem relacionados com uma determinada aceção.

Podemos identificar como sentidos principais ‘não doméstico’, ‘sem cultura’ e ‘corajoso’. Muitas das sub-entradas são de facto combinatorias, pois, por exemplo, ‘mar bravo’ significa ‘tormentoso, ondulado’.

O artigo termina com vários usos em contexto, em que *bravo* exprime uma avaliação qualitativa e positiva. Poderia significar ‘magnífico’, referindo-se a um edifício (o exemplo é “bravo edifício”), ou ‘extraordinário’, falando de uma «cousa fora de razão, ou de huma cousa extraordinaria, & prodigiosa, como no primeiro Tomo dos Sermoes do P. Anton. Vieir. pag. 270. *Brava maravilha!*». Nada indica que a língua admitisse construções como ‘edifício bravo’, ou ‘maravilha brava’, pelo que são seguramente combinatorias. Nestes casos, o lexicógrafo sente a necessidade de explicações mais pormenorizadas e apenas apresenta

atestações em autores recentes.

A interjeição, entendida como palavra italiana usada em contextos de espetáculo, ainda não é considerada como palavra portuguesa. No que respeita a outras palavras da família, *bravosidade* é sinónimo de ‘arrogância’, *bravura* é o mesmo que *braveza*; *bravio* significa ‘não cultivado’ e, por extensão, pode combinar-se com ‘povos’ e ‘gado’, significando o mesmo que *bravo*. Nos verbos, *embravecer* significa ‘fazer(-se) bravo’ e aplica-se a animais e humanos; *bravejar* (com um sinónimo *esbravejar*) é especificamente humano e significa ‘gritar agastado’.

No *Diccionario da Lingua Portuguesa* (1789) de António Morais Silva, os exemplos de uso recolhidos por Bluteau são retomados e elevados ao estatuto de aceção, o que introduz algumas alterações ao esquema semântico. Em geral, acentua-se a expressão de qualidades positivas, que estendem ao adjetivo uma parte do significado do substantivo *bravata*, pelo que se acrescenta o sentido de ‘fanfarrão’. As “aceções” são:

genio ferino
irado
fanfarrão
bizarro
valoroso
terra brava
genio bravo
gente brava
magnifico
extraordinário
mar, vento bravo
bravo, aclamação
ostentoso
costa brava

Na nomenclatura, Morais ainda inclui a forma *barbata*, remetendo para *bravata*, depreendendo-se que a forma aclimatada e a decalcada conviveram largos anos. A forma “italiana” tinha preferência no uso literário e não colidia com regras morfo-fonológicas do português, o que explica a sua prevalência.

Nos verbos não se altera a significação estabelecida por Bluteau, mas aumenta-se o número de formas derivadas, aparentemente sinónimas: *embravear*, o mesmo que *embravecer*; *esbravear* e *esbravecer*, o mesmo que *esbravejar*.

Inaugura-se com Morais uma tradição iterativa, que será copiada ao longo século 19 e que sobreviveu até aos dicionários modernos. Conhecendo-se a diminuta investigação em lexicologia histórica em alguns dicionários portugueses, é sem surpresa que encontramos a aceção ‘bizarro’ no *Dicionário da Língua Portuguesa* online da Porto Editora, palavra que na época de Morais significava ‘galante’, mas que atualmente significa ‘esquisito, excêntrico,

insólito’, como muito bem explica o mesmo dicionário online.

A lição de Moraes repercutiu-se sobretudo nos inúmeros dicionários práticos, portáteis, escolares e bilíngues que se publicaram nas décadas seguintes, mas foi também a base documental dos dicionaristas que pretenderam estabelecer uma tradição autônoma para a língua falada no Brasil. O *Diccionario da Lingua Brasileira* (1832) de Luiz Maria da Silva Pinto segue de perto as “aceções” de Moraes («de genio ferino, valeroso, irado, fanfarrão, extraordinario, magnifico, grande, tormentoso») e não modifica a nomenclatura por ele estabelecida. Da rescrita das glosas, sucintas e sem citações esclarecedoras, nascem por vezes distinções semânticas para o que anteriormente eram sinónimos. Para a tradição legam-se definições artificiais que estabelecem sentidos espúrios, como «esbravear. gritar com sanha» e «esbravejar. gritar com ira contra alguem».

A necessidade de obedecer a um cânone dicionarístico é uma característica que se acentua ao longo do século 19, e que contrasta com alguma tolerância dos dicionaristas antigos em relação à diversidade ortográfica e usos do “vulgo”. Talvez assim se explique a ausência, nos dicionários brasileiros, de uma inequívoca distinção fonética e semântica que opõe *bravo* e *brabo*.

O *Diccionario Brasileiro da Lingua Portuguezã* (1889) é o primeiro a dar conta da forma *brabo*, que, no século 19, continuava a expressar somente os valores existentes no Português Europeu até ao século 16: «bravio, selvagem, grosseiro; nocivo, danoso; feroz, sanhudo».

A forma *brabo* é antiga e persistia no Português Europeu e no Castelhana ainda no século 18. Dela encontramos testemunho no adágio “a fartura faz brabura”, citado por Bluteau, e ainda mais tarde no *Diccionario Geral da Lingoa Portugueza de Algibeira* (Lisboa, 1818). Independentemente do uso dialetal, a ortografia sofreu uma natural correção por analogia com as formas mais frequentes e recentes. No Brasil o novo *bravo* não terá afetado a semântica de *brabo*, pois a esfera de uso da palavra, com os novos significados, era predominantemente literária. Assim, em 1889, o *Diccionario Brasileiro da Lingua Portugueza* explica que:

«confundem os eruditos *brabo* com *bravo*; ou melhor, rejeitão *brabo* como vicioso; mas, o povo braz. distingue sempre. «Homem *brabo*» é homem zangado, que se enfurece por qualquer coisa, capaz de violências; «homem *bravo*» é o que não teme o perigo. O animal não domesticado é *brabo*, bravio; ninguem diz «cavallo bravo», mas *brabo*. [...] *Bravo* é t. erud.; *brabo* é pop. e corr. ao erud. *bravio*. O nosso povo, do littoral ao menos, não conhece o t. *bravo*; substitue-o por valente, animoso, atrevido, avelentado.» (p. 106-107)

Mas estas são exceções. É incontestável a autoridade da linhagem de definições iniciada por Moraes. Ao dicionário da Academia das Ciências (volume A, publicado em 1793) caberia esse lugar, mas não passou de um meritório início, sem sequência. No fim do século encontramos esforços de revisão da tradição, com especial destaque para o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1899) de Cândido de Figueiredo. Os sentidos de Moraes são inequivocamente retomados, e até mesmo exacerbados por uma insistência em definições sinonímicas que alargam a polissemia de *bravo*. Esta é uma técnica de definição que, por recorrer à equivalência e não à paráfrase explicativa, induz em equívoco os leitores. Só um nativo, e também conhecedor da tradição literária, reconhecerá os contextos específicos em que estes sentidos podem ser atualizados:

BRAVO m. homem valente, corajoso; aplauso, aprovação; * salteador italiano; adj. bravio, feróz; tempestuoso; valoroso, intrépido; admirável; exaltado, furioso; impetuoso; inculto; interj. (para aplaudir ou aprovar). (B. lat. *bravus*, do lat. *barbarus*).

Todavia, há no dicionário de Cândido de Figueiredo o esforço de marcar balizas diacrônicas. As palavras e os sentidos podem ser reconhecidos, mas isso não significa que façam parte do léxico em uso, pelo menos nos contextos mais comuns. Assim, assinala-se a obsolescência de *bravaria*, *bravosidade* e *bravoso*, remetendo para *bravata*, *bravura* e *bravo*.

Sabemos que os dicionaristas do século 20 nem sempre foram tão judiciosos. A tipologia dos dicionários gerais de língua não tem limites bem definidos, pelo que se acumularam terminologias e palavras fora de uso, anunciando sucessivos aumentos do número de entradas com a expectativa do sucesso comercial. As nomenclaturas dos dicionários gerais sofrem ainda uma interferência dos vocabulários ortográficos, que podem registrar as palavras que tiveram um trânsito literário prestigiado, apesar de raras e inusitadas. O *Vocabulário Ortográfico* de 1940 e o atual *Vocabulário Ortográfico do Português* (online) incluem *bravoso* e *bravosidade*, sem qualquer informação sobre o seu uso ou restrições. *Bravoso*, como adiante se mostrará, foi eliminado da nomenclatura de dicionários impressos modernos, mas foi redicionarizado pelas ainda mais modernas bases de dados informatizadas.

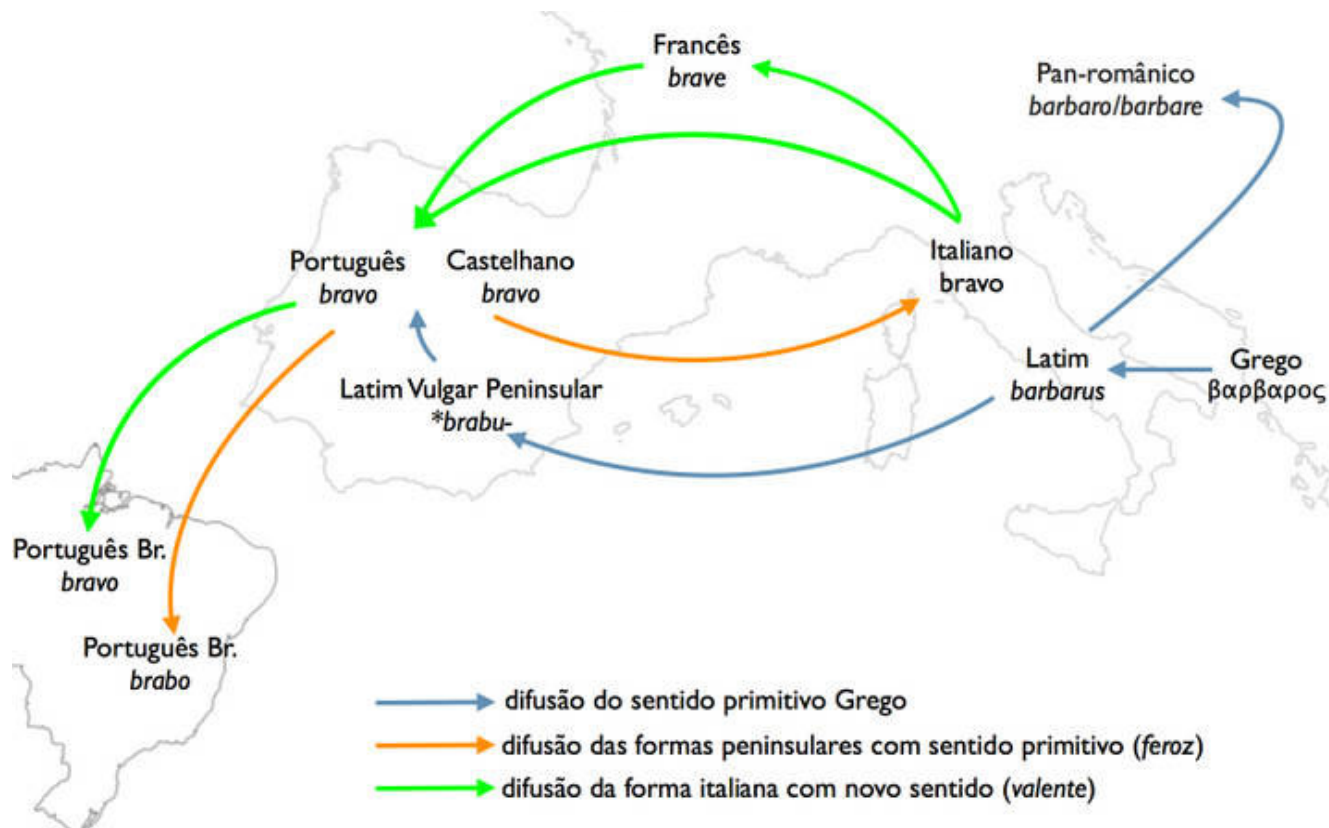


Figura 1: De βαρβαρος a *bravo*

5. COMENTÁRIO MORFOLÓGICO

Uma tão grande complexidade histórica, como a que se atesta em relação à família lexical de *bravo*, oferece também interessantes motivos de comentário morfológico. Dado que muitos dos derivados registados nas fontes consultadas são formados a partir do adjetivo *bravo* (ou do seu radical), o comentário distinguirá os casos de formação de adjetivos, dos casos de formação de nomes e dos casos de formação de verbos, que serão objeto das três seguintes secções.

5.1 PARA QUE SERVEM TANTOS ADJETIVOS?

Sendo provável e plausivelmente, neste conjunto, a forma mais antiga no Português¹⁰, o adjetivo simples, *bravola*, coexiste com adjetivos dele derivados, como *bravio* ou *bravoso*, sem que haja significativa especialização semântica, relativamente ao espectro das interpretações mais antigas e que tomam ‘feroz’, ‘selvagem’, ‘inculto’ ou ‘rude’ como sinónimos, conforme são aplicados a animais, plantas ou lugares e seres humanos ou ações por si cumpridas.

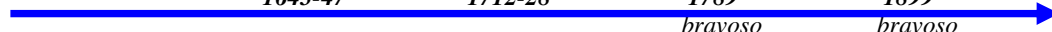
O registo de *bravoso* surge apenas na nomenclatura do dicionário de Moraes. Pode dizer-se que *bravoso* está circunscrito ao uso literário. Moraes encontra-o numa écloga de Sá de Miranda (século 16) e em Rodrigues Lobo (*O Condestabre de Portugal*, 1610). Depois de admitida, a palavra estará quase sempre presente nos dicionários ao longo do século 19, não obstante ter uma frequência perfeitamente negligenciável. Os poucos testemunhos ocorrem em texto poético: Francisco Vasconcelos usa-a no poema épico *Zargueida*, em 1806 («bravoso coração», V, 7) e Bocage emprega-a na epístola em verso a D. Rodrigo de Sousa Coutinho (finais do século 18).

É curioso notar que o substantivo *bravosidade* (um óbvio derivado do radical de *bravoso*) tem registos lexicográficos muito mais antigos. Esta assimetria (atestação de um derivado sem a atestação da sua base) continua a ocorrer, noutros casos, em dicionários mais recentes e pode ser interpretada como evidência indireta para a consideração da existência das palavras. Neste caso, não deve ignorar-se que o valor semântico atribuído a *bravosidade* não é constante nas diversas fontes lexicográficas e que a glosa nunca usa a base derivacional (ie. *bravoso*), preferindo a forma *bravo*. Este episódio pode ser interpretado de diversas formas.

¹⁰ Machado propõe as seguintes datações: *bravo*, século 12, *bravio* e *bravoso*, século 16.

Pode, por exemplo, admitir-se que *bravosidade* seja um empréstimo no Português e que *bravoso* seja uma formação “regressiva” posterior ou mesmo um empréstimo posterior. A existência destas duas formas em Castelhana, com idênticos comportamentos semânticos, pode reforçar esta hipótese.

<i>CARDOSO</i>	<i>PEREIRA</i>	<i>BLUTEAU</i>	<i>MORAIS</i>	<i>FIGUEIREDO</i>
1559	1643-47	1712-28	1789	1899
	<i>bravosidade</i>	<i>bravosidade</i>	<i>bravoso</i>	<i>bravoso</i>
			<i>bravosidade</i>	<i>bravosidade</i>



Há pares semelhantes ao de *bravo-bravoso*, como *amargo-amargoso* ou *bélico-belicoso*. Esta sufixação, tal como outros casos de adjetivalização deadjetival (cf. *celeste-celestial*, *bélico-belicista*) parece não cumprir qualquer papel no léxico, desempenhando uma mera função expletiva. A inutilidade destas formas ditará o seu crescente desuso (é com esta marca que Cândido de Figueiredo o regista), embora possam sobreviver na memória literária e nos dicionários.

Bravoso pertence a um tipo de palavras que, mesmo quando não está dicionarizado, se pode transmitir na convivência intertextual e na inspirada imitação de modelos literários prestigiados. No Português contemporâneo, *bravoso* só pode ser usado com uma motivação retórica. Foi expurgado do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2000) e do *Dicionário da Língua Portuguesa* online da Porto Editora e não está atestado no *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*, mas persiste no *Vocabulário Ortográfico* do ILTEC e no frequentadíssimo *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. Sem qualquer indicação sobre as restrições ao uso, é definido como um pacífico sinónimo de *bravo*.

Quanto a *bravio*, embora os valores semânticos dicionarizados sejam mais ou menos sobreponíveis com os de *bravo*¹¹, os usos registados no *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* mostram distintos contextos de ocorrência, mais restritos os de *bravo* (coelho, gado, mar, pinheiro, touro), um pouco menos os de *bravio* (animal, lugar, matagal, mato, terreno, olhar, sabor, dias, vendaval, espetáculo). Parece assim perder-se a distinção original de Bento Pereira, que reservava para *bravio* a correspondência com o latim *agrestis* ou *sylvestris*, reservado a campos ou plantas.

Quanto à polissemia que *bravo* adquiriu mais recentemente, a observação dos dicionários mostra com clareza que o registo dos significados do eixo negativo refletem adequadamente a sua precedência no tempo e mostra ainda que ela afeta centralmente a forma

¹¹ Pares semelhantes mostram comportamentos semelhantes: *doente* e *doentio* não são propriedades idênticas (cf. *pessoa doente / pessoa doentia*). Em alguns casos, o adjectivo derivado (cf. *vazio*) ocupou o lugar da sua base, que subsiste eventualmente em contextos muito particulares (cf. *maré-vaza*).

bravo e marginalmente *bravoso*, mas não *bravio*. Talvez seja esta uma das razões para a sobrevivência de *bravio* e para o desuso de *bravoso*.

1. ‘feroz, selvagem, inculto, rude’

<i>CARDOSO</i> 1559	<i>PEREIRA</i> 1643-47	<i>BLUTEAU</i> 1712-28	<i>MORAIS</i> 1789	<i>FIGUEIREDO</i> 1899
<i>bravo</i>	<i>bravo</i> <i>bravio</i>	<i>bravo</i> <i>bravio</i>	<i>bravo</i> <i>bravio</i> <i>bravoso</i>	<i>bravo</i> <i>bravio</i> <i>bravoso</i>

2. ‘valente’

<i>CARDOSO</i> 1559	<i>PEREIRA</i> 1643-47	<i>BLUTEAU</i> 1712-28	<i>MORAIS</i> 1789	<i>FIGUEIREDO</i> 1899
		<i>bravo</i>	<i>bravo</i> <i>bravoso</i>	<i>bravo</i> <i>bravoso</i>

5.2 O LÉXICO DOS AVALIATIVOS

O registo lexicográfico de avaliativos não é frequente e é, aliás, desnecessário. Exceto nos casos em que a interpretação se afasta da que é previsível. Nenhuma das formas aqui consideradas¹² (ie. *bravinholá*, *bravazinha*) integra a nomenclatura dos três primeiros dicionários considerados, mas são escolhidas como tradução de um diminutivo latino, *FEROCULUS*, que ocupa esse lugar na nomenclatura latina, sem, no entanto, demonstrar merecê-lo por alguma razão notável. A única atestação do diminutivo *bravinho* na nomenclatura portuguesa dos dicionários considerados ocorre no Moraes, mas não faz escola. Poderia justificar-se se fizesse apelo a apenas uma das interpretações possíveis de *bravo*, mas não é isso que acontece.

<i>CARDOSO</i> 1559	<i>PEREIRA</i> 1643-47	<i>BLUTEAU</i> 1712-28	<i>MORAIS</i> 1789	<i>FIGUEIREDO</i> 1899
<i>cousa bravinha</i>	<i>bravinha cousa</i> <i>cousa bravazinha</i>	<i>bravinho</i>	<i>bravinho</i>	

É também em Moraes que ocorre o único registo de um superlativo absoluto sintético e até do advérbio que dele deriva (ie. *bravíssimo*, *bravissimamente*), sem que nada o justifique.

¹² É curioso notar que Bento Pereira escolhe indiscriminadamente a forma avaliativa e z-avaliativa de *bravo* e contrasta também a posição do adjectivo relativamente ao nome. A anteposição do adjectivo (cf. *bravinha cousa*) é resultado de técnica lexicográfica (ensinada em Nebrija - *Brava cosa un poco*. {lat. *feroculus.a.um.*): *cousa* classifica como “adjetivo”, pelo que, neste dicionário, os adjectivos surgem sempre na forma do feminino. A posposição do adjectivo (cf. *cousa bravasinha*) é a que corresponde ao uso.

Percebe-se, assim, que o acolhimento de palavras deste tipo nos dicionários não se decide com base em critérios lexicológicos, mas sim por razões editoriais. Deve ainda referir-se que nenhum outro adjetivo motiva qualquer registo de avaliativo ou superlativo.

<i>CARDOSO</i> 1559	<i>PEREIRA</i> 1643-47	<i>BLUTEAU</i> 1712-28	<i>MORAIS</i> 1789	<i>FIGUEIREDO</i> 1899
			<i>bravíssimo</i>	
			<i>bravissimamente</i>	

5.3 BRAVO EM -MENTE

Um movimento esperável na formação de palavras em Português é a ocorrência de advérbios deadjetivais em *-mente*. A sua forma e a sua interpretação são de tal forma previsíveis que raramente a sua existência é dicionarizada. A razão pela qual *bravamente* está presente em tantas das fontes consultadas é compreensível à luz da polissemia de *bravo*: *bravamente* significa ‘de um modo feroz’ ou ‘de um modo valente’? Em Cardoso e Pereira é o valor mais antigo que aparece documentado, mas a necessidade de o documentar pode querer dizer que outra interpretação (a segunda) poderia estar disponível. A partir de Bluteau (e até às ocorrências no Corpus de Referência do Português Contemporâneo) é a segunda interpretação que prevalece, como um intensificador relacionado com *bravura*.

<i>CARDOSO</i> 1559	<i>PEREIRA</i> 1643-47	<i>BLUTEAU</i> 1712-28	<i>MORAIS</i> 1789	<i>FIGUEIREDO</i> 1899
<i>bravamente</i>	<i>bravamente</i>	<i>bravamente</i>	<i>bravamente</i>	<i>bravamente</i>

5.4 AS QUALIDADES DE BRAVO

A história da polissemia de *bravo* é muito clara na formação de nomes derivados. Os dicionários mais antigos (Cardoso, Pereira e Bluteau) registam *braveza* e *bravura* como nomes de qualidade sinónimos entre si, e sinónimos de ‘ferocidade’. O valor semântico de ‘valentia’ só ocorre a partir de Moraes e apenas associado a *bravura*. Assim chegam à contemporaneidade: *braveza* no eixo negativo da qualidade de ser *bravo* e *bravura* no seu eixo positivo.

1. ‘ferocidade’

<i>CARDOSO</i> 1559	<i>PEREIRA</i> 1643-47	<i>BLUTEAU</i> 1712-28	<i>MORAIS</i> 1789	<i>FIGUEIREDO</i> 1899
<i>braveza</i>	<i>braveza</i>	<i>braveza</i>	<i>braveza</i>	<i>braveza</i>
<i>bravura</i>	<i>bravura</i>	<i>bravura</i>		
<i>bravosidade</i>				

2. ‘valentia’

<i>CARDOSO</i> 1559	<i>PEREIRA</i> 1643-47	<i>BLUTEAU</i> 1712-28	<i>MORAIS</i> 1789	<i>FIGUEIREDO</i> 1899
			<i>bravura</i>	<i>bravura</i>

Não é pelo facto de *bravura* como sinónimo de ‘valentia’ só ser registado no século 19 que se pode afirmar tratar-se de uma palavra de introdução recente no léxico do Português. No dicionário etimológico de J. P. Machado, a primeira atestação de *braveza* é do século 13 e a de *bravura* é do século 14 e o Houaiss recua um século em cada caso. A maior antiguidade de *braveza* poderá explicar que a palavra concorrente (*bravura*) tenha aproveitado a possibilidade de assumir um diferente valor semântico para poder subsistir. O que se pode concluir é que o registo lexicográfico de *bravura* como sinónimo de ‘valentia’ demorou muito tempo a tornar-se realidade.

Um outro nome que contém o radical de *bravo* é *bravata*. *Bravata* não é um nome derivado no Português: a sua forma fonética indicia tratar-se de um empréstimo do Italiano, o que é compatível com a datação apresentada por J. P. Machado, que cita a *Monarquia Lusitana* (século 16) como fonte. A interpretação também aproxima este empréstimo da fonte italiana, devendo, pois, esta atenuação da ‘ferocidade’ (que passa a ser exclusivamente humana e predominantemente verbal) ter tido a sua origem na reinterpretação italiana do adjetivo ibérico *bravo*. Nos dicionários portugueses, *bravata* aparece registada desde cedo e mantém-se estável até às atestações no *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*.

<i>CARDOSO</i> 1559	<i>PEREIRA</i> 1643-47	<i>BLUTEAU</i> 1712-28	<i>MORAIS</i> 1789	<i>FIGUEIREDO</i> 1899
	<i>bravata</i>	<i>bravata</i>	<i>bravata</i>	<i>bravata</i>

5.5 VERBOS DERIVADOS

Do ponto de vista semântico, é esperável que, a partir de uma base adjetival, ocorra a formação de um verbo causativo. É o que sucede com *embravecer*, que é registado desde o século 16 e chega ao século 20 atestado no *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*. Dada a polissemia de *bravo*, é necessário esclarecer que se trata de um causativo de *bravo* sinónimo de ‘feroz’.

<i>CARDOSO</i> 1559	<i>PEREIRA</i> 1643-47	<i>BLUTEAU</i> 1712-28	<i>MORAIS</i> 1789	<i>FIGUEIREDO</i> 1899
<i>embravecer</i>	<i>embravecer</i>	<i>embravecer</i>	<i>embravecer</i> <i>embravear</i> <i>esbravecer</i>	<i>embravecer</i> <i>embravear</i>

O outro valor semântico de *bravo* ('valente') não gera nenhum verbo deste tipo, mas há um outro verbo derivado de *bravo*, que persiste na forma *esbravejar* e se relaciona com o valor exclusivamente humano da 'ferocidade', dado que se refere um particular uso da língua, que é 'gritar'.

CARDOSO 1559	PEREIRA 1643-47	BLUTEAU 1712-28	MORAIS 1789	FIGUEIREDO 1899
	<i>bravejar</i>	<i>bravejar</i>	<i>bravejar</i>	<i>bravejar</i>
	<i>esbravejar</i>	<i>esbravejar</i>	<i>esbravejar</i>	<i>esbravejar</i>
			<i>esbravear</i>	<i>esbravear</i>
			<i>esbravecer</i>	<i>esbravecer</i>
				<i>bravear</i>

O verbo *bravatear*, derivado do empréstimo nominal *bravata* e não de *bravo*, está semanticamente relacionado com a sua base (podendo ser parafraseado por 'gabar-se' ou 'ameaçar de forma arrogante'), o que o aproxima do campo semântico do verbo *esbravejar*. O *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* não o regista.

CARDOSO 1559	PEREIRA 1643-47	BLUTEAU 1712-28	MORAIS 1789	FIGUEIREDO 1899
			<i>bravatear</i>	<i>bravatear</i>

O adjetivo *bravo* alimenta ainda a formação de um outro verbo causativo. Este refere uma ação inversa à da sua base, ou seja, neste caso particular, 'fazer o contrário de tornar feroz'. O verbo *desembravecer* cumpre essa função, dado que o prefixo *des-* associado a bases verbais forma verbos deste tipo (cf. *ligar-desligar*, *montar-desmontar*, *fazer-desfazer*). Este verbo está atestado em todas as fontes consideradas do século 16 ao final do século 19. O século 20 assistirá à substituição desta forma por *desbravar*:

CARDOSO 1559	PEREIRA 1643-47	BLUTEAU 1712-28	MORAIS 1789	FIGUEIREDO 1899
<i>desembravecer</i>	<i>desembravecer</i>	<i>desembravecer</i>	<i>desembravecer</i>	<i>desembravecer</i>
			<i>desbravar</i>	<i>desbravar</i>
				<i>esbravejar</i>

Este rival, que parece ser gerado por uma simplificação da forma original (por perda de material morfológico), deverá ter sido construído de raiz e talvez com a vantagem de se tratar de um verbo da primeira conjugação:



Um argumento que sustenta esta hipótese é o de que as paráfrases dos dois verbos não são idênticas:

<i>desembravecer</i>	‘fazer o contrário de tornar feroz’
<i>desbravar</i>	‘tornar não feroz’

De um ponto de vista formal, e ainda no domínio da formação de verbos, torna-se saliente o facto de se encontrar quase exclusivamente estruturas parassintéticas que tomam o radical adjetival de *bravola* como base. A conversão simples (que daria origem à forma *bravar*)¹³ não está atestada em nenhuma das fontes consultadas e a sufixação ocorre marginalmente no par *bravear/bravejar* que compete e perde com o par (parassintético) *esbravear/esbravejar*. A coexistência de formas verbais parassintéticas com formas sem prefixo ocorre frequentemente no léxico do Português, podendo ou não estar associada a contrastes semânticos:

(a) <i>betumar</i>	(des) <i>cascar</i>	(en) <i>namorar</i>	(es) <i>bombardear</i>
(a) <i>borbulhar</i>	(des) <i>cair</i>	(en) <i>crespar</i>	(es) <i>borrifar</i>
(a) <i>bronzear</i>	(des) <i>falecer</i>	(en) <i>curvar</i>	(es) <i>bracejar</i>
(a) <i>chocalhar</i>	(des) <i>fiar</i>	(en) <i>gatinhar</i>	(es) <i>cabecear</i>
(a) <i>condicionar</i>	(des) <i>inquietar</i>	(en) <i>rançar</i>	(es) <i>cornear</i>
(a) <i>cotovelar</i>	(des) <i>pelar</i>	(en) <i>rolhar</i>	(es) <i>fervilhar</i>
(a) <i>fumegar</i>	(des) <i>trocar</i>	(em) <i>buzinar</i>	(es) <i>folhear</i>
(a) <i>barbarizar</i>	(des) <i>variar</i>	(em) <i>penhorar</i>	(es) <i>garatujar</i>

A forma *desembravecer* também não é formada por parassíntese, ainda que contenha um verbo parassintético na sua base: trata-se de uma prefixação em *des-* ao verbo *em[brav]ecer*. O que aqui é curioso é que esse verbo, gerado composicionalmente e que durante pelo menos dois séculos terá desempenhado a sua função sem concorrência, vem, a partir do século 19, a conhecer um rival, *desbravar*, que é uma estrutura parassintética, e que, pelo menos nos dicionários, conviverá com *desembravecer* algum tempo até que finalmente ocupará todo o espaço disponível.

A cronologia dos registos lexicográficos mostra que a preferência pela verbalização por parassíntese é antiga e que este é um recurso que permite ensaiar antes de escolher: assim se explica que palavras como *esbravecer* ou *esbravejar* tenham passado por momentos de polissemia, para depois se dedicar a uma única interpretação, ou que um mesmo valor semântico possa, como sucede no dicionário de Cândido de Figueiredo, estar associado a cinco formas distintas (cf. *bravejar*, *esbravejar*, *bravear*, *esbravear* e *esbravecer*).

¹³ A inexistência deste verbo é inesperada: há um valor semântico disponível (tornar *bravo*=‘valente’) e encontra-se no Francês (cf. *braver* = ‘desafiar’) ou no Italiano (cf. *bravare* = ‘ameaçar’). Nestas línguas, terá sido este verbo o que deu origem aos nomes *bravade* e *bravata*, respetivamente. O Português tomou de empréstimo *bravata* e tentou formar um verbo a partir dessa forma (ie. *bravatear*).

Estes ensaios dizem respeito não só à presença de diferentes prefixos (cf. *em-*, *des-*, *es-*) e sufixos (cf. *-ecer*, *-ejar*), mas também à sua forma. O sufixo *-ec(er)*, por exemplo, resulta da assimilação de *-esc(er)*. Em Figueiredo, a forma *embravescer* é registada a par de *embravecer* e marcada como desusada. No registo da forma participial, Cardoso é o único que regista *embravescida*, em Pereira já é *embravecida*. Não tinha de ser assim (basta pensar em verbos como *crescer*, *convalescer*, *efervescer*, *florescer*, *incandescer* ou *rejuvenescer*), que provavelmente terão tido uma introdução mais tardia no léxico do Português ou, se são mais antigos, terão sido objeto de “correção” erudita.

A variação entre *des-* e *es-* em verbos semanticamente equivalentes (cf. *desbravejar* e *esbravejar*) está atestada em muitos outros casos (ainda que nem sempre as duas formas mereçam a mesma aprovação dos falantes). É o que se verifica em casos como (*d*)*esmiolar*, (*d*)*escabelar*, (*d*)*escadear*, (*d*)*escadeirar*, (*d*)*escamisar*, (*d*)*escarnar*, (*d*)*escascar*, (*d*)*escortinar*, etc. Nestes casos de variantes fonéticas do mesmo prefixo, é possível que a segunda seja gerada por aférese da consoante inicial (por aproximação ao sufixo que em Latim era *EX-*), mas também é possível que se trate de uma prótese que confere ao prefixo *es-* maior solidez fonética.

Um outro caso de turbulência é o que diz respeito ao sufixo *-ejar*. Referimos acima que *esbravejar* coocorre com *esbravear*, tal como as versões não-prefixadas (ie. *bravejar/bravear*). Pares deste tipo são frequentes no Português (cf. *azule(j)ar*, *branque(j)ar*, *clare(j)ar*, *drape(j)ar*, *espace(j)ar*, *flame(j)ar*, *flore(j)ar*, *forne(j)ar*, *fraque(j)ar*, *gote(j)ar*, *harpe(j)ar*, *pele(j)ar*, *purple(j)ar*, *quarte(j)ar*, *rabe(j)ar*, *raste(j)ar*, *rastre(j)ar*, *relampe(j)ar*, *verde(j)ar*, *vermelhe(j)ar*, *volte(j)ar*), havendo (ou não) uma especialização semântica (cf. *mane(j)ar*) ou uma diferente distribuição dialetal (cf. *plane(j)ar*). Mas há também muitos casos de formação autónoma, que dão origem a derivados do mesmo tipo semântico, podendo assim ser considerados como sufixos concorrentes (cf. *baratear*, *basear*, *bombear*, *cabecear*, *clarear*, *falsear*, *florear*, *folhear* e *alvejar*, *bafejar*, *farejar*, *pestanejar*, *rumorejar*, *versejar*). Não há muita jurisprudência sobre a etimologia destes sufixos (*-ejar* e *-ear*), mas é de admitir a hipótese de se tratar de formas divergentes do sufixo latino *-IZARE*¹⁴, a partir de uma evolução do Latim vulgar *-idiare*, que chega ao Português, como *-ejar*, provavelmente a partir do Italiano. No espaço ibérico evolui foneticamente para a forma mais simples *-ear*. Esta filiação torna-se evidente na flexão das formas rizotónicas destes últimos verbos (cf. *clareio*, *clareias*, *clareia*, *clareiam*, *clareie*, *clareies*, *clareiem*). A aparente ditongação da

¹⁴ Este sufixo é recuperado no Português em cultismos pós-renascentistas (cf. *agilizar*), tornando-se popular a partir do século 19.

vogal do sufixo de verbalização (que é a última vogal do radical derivado) é afinal um ditongo resultante da semivocalização da consoante final do sufixo, que nas formas arrizotónicas é suprimida:

<i>rastr</i>	<i>ej</i>	<i>ar</i>		<i>rastr</i>	<i>ej</i>	<i>o</i>
<i>rastr</i>	<i>e</i>	<i>ar</i>		<i>rastr</i>	<i>ei</i>	<i>o</i>

6. CONCLUSÃO

Das análises lexicográfica e morfológica resulta uma proposta de nomenclatura para um dicionário geral de língua, no que respeita à família *bravo*. O critério de admissão na nomenclatura é o reconhecido uso contemporâneo, atestado em corpora e ocorrendo com uma frequência relevante.

No interior dos verbetes registam-se as palavras que só deviam ter lugar na nomenclatura de um dicionário especializado, como um tesouro da língua. A estes dicionários cabe preservar a história e a diversidade do léxico, salvaguardando a capacidade de uma comunidade reconhecer as palavras inusitadas e antiquadas, bem como a possibilidade dos seus usos expressivos. Um dicionário geral deve clarificar esta distinção, sendo esta uma hipótese de apresentação que não contraria a etimologia, respeita o uso e informa sobre a adequação comunicativa:

<p>BRAVATA BRAVATEIRO BRAVATEAR BRAVATEADOR</p> <p>BRAVEZA BRAVO, A BRAVAMENTE BRAVARIA BRAVAZINHA, BRAVOZINHO BRAVINHO, A BRAVÍSSIMO BRAVISSIMAMENTE</p> <p>BRAVITO BRAVOSO, inusitado BRAVOSIDADE, inus.</p> <p>BRAVIO BRAVIA</p> <p>BRAVURA DESBRAVAR DESBRAVADO</p>	<p>DESBRAVAMENTO DESEMBRAVECER, inusitado DESEMBRAVECIDO DESBRAVECER, inusitado</p> <p>EMBRAVECER EMBRAVEAR, inusitado EMBRAVEAMENTO EMBRAVECIMENTO EMBRAVESCER, inusitado EMBRAVESCIDO EMBRAVECIDO</p> <p>ESBRAVEJAR BRAVEAR, inusitado BRAVEJAR, inusitado ESBRAVEAR, inusitado</p>
--	---

Dicionário dos dicionários: a família *bravo* em Cardoso, Bluteau, Morais e

Figueiredo

BRAVO

CARDOSO: Brauo. Ferox(ocis). immanis(&. e).
PEREIRA: Brava cousa. Ferox, ocis. Efferus, a, um. Immanis, & ne. Truculentus, a, um.
BLUTEAU: bravo. Não doméstico. Ferus, a, um. Cic. Varias castas de animaes, ou domesticas ou bravas. Varia genera bestiarum, vel cicurum, vel ferarum. Cic. Ave brava. Avis fera. Plaut.§ Bravo. Aspero de condição. Homo naturá asper. Cic. Homo asper, & durus moribus. Cic. Homo ingenii illiberalis, asperi, immitis, duri, argestis. Homo comitatis expers, ou exsors. Homo ferae, agrestisque indolis.§ Nação brava. Sem disciplina, sem leys. Gens fera. Cic.§ Nos seus costumes são mais bravos, que as bestas mais bravas. Moribus, riribusque efferationibus utuntur, quam rapacissimae belluae. Liv.§ Bravo. Valeroso. Saevus, a, um. Virgil. aonde diz Saevus ubi jacet. Hector. Diz o adagio commum, Não he tão Bravo o Leão, como o pintão.§ Bravo. Turbado. O mar he bravo. Mare agitur, atque turbatur. Cic. Mar bravo. Mare aestus, exasperatum, & c. Immite pelagus. Apul.§ Bravo. Galhardo, magnifico,(fallandose em hum edificio.) Magnificus, ou superbus, ou Splendidus, a, um. Cicero em varios lugares. Tem pois este Bravo edificio. Mon. Lusit. Tom. 2. fol. 55. vers. § Indios bravos. Vid. Indio.§ Costa brava. A que não tem porto algum, nem Abra, nem Bahia, nem enseada, em que se possaõ recolher navios. Ora maritima importuosa, Tito Livio diz Littora importuosa, lib. 10. ab urbe.

BRAVAMENTE

CARDOSO: Brauamente. Ferociter immaniter.
PEREIRA: Bravamente. Ferociter. Truculenter. Concordar. Bravamente concordamos, id est, combinamos. Incredibiliter utrumque nostrum consentit astrum.
BLUTEAU: Bravamente. Com Braveza. Ferociter. Bravamente. Bravamente he Apaixonado pelas cousas da nossa Patria. Lobo, corte na Aldea, Dial. 1. pag. 23.)
MORAIS: adv. com bravura. V. de Suso: ferido bravamente em huma perna (Castan. 5. c. 76.) i. e. muito.
FIGUEIREDO: adv. com bravura, com furôr. (De bravo).

BRAVARIA

Tambem poderàs usar do adjectivo Saevus neste sentido à imitação de Sallustio, que na vida de Jugurtha diz, Mare saevum, & importuosum. Temos hum mar muito largo, huma costa Brava. Chagas, Cartas Espirit. Tom. 2. 407.)§ Bravo, tambem se diz de huma cousa fora de razão, ou de huma cousa extraordinaria, & prodigiosa, como no primeiro Tomo dos Sermoens do P. Anton. Vieir. pag. 270. Brava maravilha! Em toda a terra do Egypto havia humas casas, que & c.
MORAIS: adj. de genio ferino, aspero. § Irado. § Fonfarrão. § Bizarro, galante. § Valoroso. § Terra brava, v. bravía. § E gado bravo, bravio. § Genio - , aspero. § Gente, nação - inculta. Magnifico v.g. “bravos edificios, i.e. nobres. Arraes 4.6. § Extraordinario v.g. “barva maravilha. Vieira. § Mar, vento bravo, i.e. tormentoso. § Brava tormenta, por grande. Castan. L 5. c. 79. § A brava Hespanha “Condestavel de Lobo Canto 4. f. 56. v. § Bravo, aclamação em louvor, que se dá a quem canta , dança, representa bem. § Ostentoso. Eufr. II. “bravo vindes vós agora picado de gracioso. § Costa brava, sem porto.
FIGUEIREDO: m. homem valente, corajoso; applauso, aprovação; * salteador italiano; adj. bravío, feróz; tempestuôso; valorôso, intrépido; admirável; exaltado, furiôso; impetuôso; inclulto; interj. (para applaudir ou approvar). (B. lat. bravus, do lat. barbarus).
BRAVOS, interj. (bras.) o mesmo que bravo.

CARDOSO, PEREIRA, BLUTEAU, MORAIS: ●
FIGUEIREDO: f. (ant.) o mesmo que BRAVATA.

BRAVATA

CARDOSO: ●
PEREIRA: Bravata. Vide Barbata. Barbata. Verborum jactatio.
BLUTEAU: Barbâta. Parece, que se deriva do Francez Bravade, que he insulto de palavras, com arrogancia, ou com ameaços.
MORAIS: s. f. rabularia, palavras ameaçadoras, com ostentação de valor (feroces minae.) Melhor e mais conforme à etimologia que barbata. Bravata, Ital.
FIGUEIREDO: f. ameaça arrogante; fanfarrice; vanglória. (It. bravata, do rad. de bravo).

BRAVATEADOR

CARDOSO, PEREIRA, BLUTEAU: ●

MORAIS: v.n.

FIGUEIREDO: m. aquêlle que bravateia. (De bravatear).

BRAVATEAR

CARDOSO, PEREIRA, BLUTEAU: ●

MORAIS: v. n. dizer bravatas. Vieira Cart. ult. tom. I.

FIGUEIREDO: v. i. dirigir ameaças; fazêr-se arrogante, jactanciôso. (De bravata).

BRAVATEIRO

CARDOSO, PEREIRA, BLUTEAU, MORAIS: ●

FIGUEIREDO: m. o mesmo que bravateadôr.

BRAVAZINHA

CARDOSO: ●

PEREIRA: Feroculus, a, um. Cousa bravasinha.

BLUTEAU, MORAIS, FIGUEIREDO: ●

BRAVEJAR

CARDOSO: ●

PEREIRA: Bravejar. Ferocio, is. Saevio, is. Bacchor, aris.

BLUTEAU: bravejar. Vid. Esbravejar.

MORAIS: v. esbravejar. (ferocio, saevio, bachor.)

FIGUEIREDO: BRAVEAR, ou BRAVEJAR v. i. o mesmo que esbravejar.

BRAVEZA

CARDOSO: Braueza. Ferocitas(atís). immanitas.

PEREIRA: Bravesa. Ferocia, ae. Ferocitas, atís. Feritas, atís.

BLUTEAU: bravèza. Fereza. Ferocia, ae. Fem. Ferocitas, atís. Fem. Cic. § Braveza. Furia, Violenta inquietação. Braveza dos ventos.

MORAIS: s.f. furia, bravosidade de condição, opposta a mansidão; e. fig. dos ventos, do mar, da tormenta “Lucena pag. 409. Ulis. 2. 43. a braveza do castigo, por fereza, ou feridade. Arraes 2. 19. § Fereza do animal não domesticado. § Acção de animo esforçado v.g. “fazer bravezas na guerra. Castan. 3. f. 207.

FIGUEIREDO: f. bravura; ferocidade; impetuosidade. (De bravo).

BRAVINHO

CARDOSO: Feroculus(a. um). Cousa brauinha.

PEREIRA: Bravinha cousa. Feroculus, a, um.

BLUTEAU: ●

MORAIS: adj. dim. de bravo

FIGUEIREDO: ●

BRAVIA

CARDOSO, PEREIRA, BLUTEAU, MORAIS: ●

FIGUEIREDO: f. e. adj. f. variedade de pêra, também conhecida por santiago. (De bravio).

BRAVITO

CARDOSO, PEREIRA, BLUTEAU, MORAIS: ●

FIGUEIREDO: adj. f. Diz-se do toiro um tanto medrôso. (De bravo).

BRAVIO

CARDOSO: ●

PEREIRA: Bravia cousa. Agrestis, & te. Sylvestris, & tre.

BLUTEAU: bravío. Não cultivado. Terras bravias. Agri inculti. Hã agora muitas terras Bravias, que forão já cultivadas. Vasconc. Sitio de Lisboa 75. § Bravio. Tambem se diz da gente, & do gado. Está, como vedes, hum Bravio por romper. Lucena, Vida de Xavier, fol. 409. col. 1. Falla metaphoricamente. Neste sentido diràs Gens inculta, ou vitæ incultæ homines. § Gado bravio. Vid. Bravo. Terra abastada de gados mansos, & Bravios. Lemos, Cercos de Malaca. Pag. 60. vers. § Bravio. Substantivo. Martinio no seu Lexicon Philologico, & outros Criticos, dizem, que se houvera de dizer Brabium, do Grego Brabeion, que quer dizer Premio da victoria; seguio Tertulliano, cap. 3. ad Mart. esta Orthographia Grega, & escreveo Brabium; porem na 1. Epist. ad Corinth. cap. 9. diz o Apostolo, Omnes quidem currunt, sed unus accipit Bravium. Falla da coroa immortal, que darà Deos aos vencedores do mundo, carne, & Demonio, tomada a metaphora dos premios, que se davão nos jogos Olympicos, & nas lutas, & palestras da Grecia; os distribuidores destes premios chamavãose Brabentæ. § Não leva o Bravio o que partio ligeiro. Barreto, Vida do Evangel. pag. 295. oit. 70.

MORAIS: adj. terras - não cultivadas, maninhos. § Gado - não domesticado, montezinho. § Gente - inculta, sem policia. Lucena. § O bravio substantivamente, o que he aspero, e difficil de andar, &c. v.g. “caminhar polo bravio da observancia da Lei de Deus” Arraes 3. 17.

FIGUEIREDO: adj. bravo; selvagem; agreste; rude; áspero, difficil de transitar. (De bravo).

BRAVISSIMAMENTE

CARDOSO, PEREIRA, BLUTEAU: ●

MORAIS: adv. superlat. Aulegraf. 141.

FIGUEIREDO: ●

BRAVISSIMO

CARDOSO, PEREIRA, BLUTEAU: ●

MORAIS: superl. de bravo P. P. 2. 108.

FIGUEIREDO: ●

BRAVOSIDADE

CARDOSO: ●

PEREIRA: Bravosidade, bravura. Vide Bravesa.

BLUTEAU: bravosidade. Arrogancia. Ferocitas, atís. Fem. Ferocia, ae. ou superbia, arrogancia, ae. Fem.

MORAIS: s. f. a qualidade de ser bravo, de condição fera, aspera. Vieira “bravosidade com que se trava a peleja” Albuquerque. 4. 5. § O natural ferino dos irracionaes. Malaca Conq. 9. 120. § Valor misturado com paixão ira. Eneide 11. 216” entrão com gram bravosidade polas armas: “fazer bravosidades de valor” V. de Lima cap. 5.

FIGUEIREDO: f. (des.) (V. bravura).

BRAVOSO

CARDOSO, PEREIRA, BLUTEAU: ●
MORAIS: adj. v. bravo. Sá Mir. vinha o bacorote mui bravoso “ o leão bravoso “ Lobo Condest. Canto 5.
FIGUEIREDO: adj. (des.) (V. bravo).

BRAVURA

CARDOSO: Ferociam sacietas parit. A fartura faz brauura.
PEREIRA: Bravosidade, bravura. Vide Bravesa.
BLUTEAU: brabûra. Vid. Bravura. Segundo o adagio vulgar, A fartura faz Brabura.
bravura. Braveza. Vid. no seu lugar. {A Bravura do tempestuoso mar. Dial. de Hect. Pinto, 38. vers.
MORAIS: s.f. acção de bravo, valentão v.g. “fazer bravuras. § A bravura, ou braveza do mar. H. Pinto.
FIGUEIREDO: f. qualidade do que é bravo; coragem; emprêgo de todos os recursos, no cantar. (De bravo).

DESBRAVADO

CARDOSO, PEREIRA, BLUTEAU: ●
MORAIS: part. pass. de desbravar
FIGUEIREDO: part. de desbravar.

DESBRAVAMENTO

CARDOSO, PEREIRA, BLUTEAU, MORAIS: ●
FIGUEIREDO: s. m. acto de DESBRAVAR.

DESBRAVAR

CARDOSO, PEREIRA, BLUTEAU: ●
MORAIS: v. n. quebrar a braveza. Guia de Cazados “deitar odre de vento a touro, em que desbrave.
FIGUEIREDO: v.i. tornar manso; arrotear; preparar pâra cultura. (De des... + bravo).

DESBRAVECER

CARDOSO, PEREIRA, BLUTEAU, MORAIS: ●
FIGUEIREDO: v.i. o mesmo que desembravecêr.
Cf. Filinto, XVI, p. 167.

DESEMBRAVECER

CARDOSO: Desembraueçer. Deseuio(is).
PEREIRA: Desembravecer. Comprimere ferociam alicujus
Desembravecerse. Feritatem deponere.
BLUTEAU: desembravecer. Abrandar a ira.
Desembravecerse. Feritatem, ou iram ponere.
Desaevire
MORAIS: v. at. amansar, o que estava bravo, irado. § — se, amansar, desgastar-se.
FIGUEIREDO: v.t. amansar; acalmar; tirar a bravêza a; v. i. tornar-se manso; perdêr a bravêza. (De des... + embravecêr).

DESEMBRAVECIDO

CARDOSO: ●
PEREIRA: Desembravecida cousa. Cicuratus, a, um. Mansufactus, a, um.
BLUTEAU: desembravecido. Feyto mais brando. Mitigatus, ou mansufactus, a, um.
MORAIS: part. pass. de desembravecer
FIGUEIREDO: part. de desembravecêr.

EMBRAVEAMENTO

CARDOSO: Exasperatio(onis). Ho
embraueamêto.

PEREIRA, BLUTEAU, MORAIS, FIGUEIREDO: ●

EMBRAVEAR

CARDOSO, PEREIRA, BLUTEAU: ●
MORAIS: embravear-se. v. embravecer-se.
Viriato 11. 71. o touro tornando atrás escarva, e se embravea.
FIGUEIREDO: v. t. e p. o mesmo que EMBRAVECÊR

EMBRAVECER

CARDOSO: Embraveçer a outrem. Efferro(as).
Ferocio(is. iui. itum). Embravecer.
Embravecer-se. Excandesco(is).
PEREIRA: Embravecer a outrem. Efferro, as.
BLUTEAU: embravecer. Fazer bravo. Efferare.
Tit. Liv.(o, avi, atum) Com hum accusat.§
Embraveceo, & enfureceo aos soldados de maneyra, que & c. Hostes in eam rabiem efferavit, ut & c. Com hum subjunctivo.
Front.§ Embravecerse. Fazerse bravo. Efferari.
Cic. Ferum, & agrestem fieri.
MORAIS: v. at. fazer bravo, os homens, ou animaes. M. Conq. 7. 54. § - se, Fazer-se bravo, efferado, as abelhas embravecem-se 2. Cerco de Diu f. 105.
FIGUEIREDO: v. t. tornar bravo; irritar; v. i. e p. enfurecêr-se; encapellar-se. (De bravo).

EMBRAVECIDO / EMBRAVESCIDO

CARDOSO: ●
PEREIRA: Embravecimento. Saevitia, ae.
BLUTEAU: ●
MORAIS: part. pass. de embravecer; f. “a tormenta embravecida” Ulissea: - fogo 2. Cerco de Diu.
FIGUEIREDO: part. de embravecêr.

EMBRAVECIMENTO

CARDOSO, PEREIRA, BLUTEAU, MORAIS: ●
FIGUEIREDO: m. acto ou effeito de embravecêr.

ESBRAVEAR

CARDOSO, PEREIRA, BLUTEAU: ●
MORAIS: v. n. gritar com bravura, sanha. Sá Mir. “dos porcos hum escuma outro esbravea” brada, jura, esbravea, queixa-te” idem Estrang. f. 132. ult. ed.
FIGUEIREDO: v. i. ou ESBRAVECÊR

ESBRAVECER

CARDOSO, PEREIRA, BLUTEAU: ●
MORAIS: [Morais 1812: ESBRAVECÊR, v. n. o tempo (temporal) cada vez esbravecia mais. Couto, 10. 10. 8 V. Esbravejar, Embravecer.]
FIGUEIREDO: v. i. o mesmo que esbravejar

ESBRAVEJAR

CARDOSO: ●
PEREIRA: Esbravejar. Prae iracundia insanire.
Debacchor, aris, atus sum. Esbravejar, andar furioso(prop. com bebedice.)
BLUTEAU: esbravejar. Gritar agastado

MORAIS: v. n. gritar irado contra alguém, Eufr. 3. .2 Couto 4. 3. 7. H. Dom. p. 2. f. 255. v.

FIGUEIREDO: v. t. exprimir irritadamente; v. i . gritar com ira; barafustar. (De bravo).

REFERÊNCIAS

1. ACADEMIA DAS CIÊNCIAS DE LISBOA, *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa*. Lisboa, Verbo, 2001.
2. ACCADEMIA DELLA CRUSCA, *Vocabolario degli accademici della Crusca*. Venezia: Giovanni Alberti, 1612. (On-line <http://www.lessicografia.it/index.jsp>)
3. AEBISCHER, Paul, Sur l'origine portugaise de port., esp. 'bravo', *Revista Portuguesa de Filologia* 6, 1953-55, 37-50.
4. BLUTEAU, Rafael, *Vocabulario portuguez e latino [...]*. Coimbra-Lisboa: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728.
5. CARDOSO, Jerónimo, *Dictionarium latinolusitanicum & vice versa lusitanico latinu[m] cum adagiorum feré omnium iuxta seriem alphabeticam perutili expositione, ecclesiasticorum etiam vocabulorum interpretatione [...]*. Conimbricæ: Joan. Barrerius, 1569-1570.
6. CHANTRAINE, Pièrre. *Dictionnaire Etymologique de la Langue Grecque. Histoire des Mots*. Paris: Klincksieck, 1968-1980.
7. CORNU, Jules. Bravo. *Romania*, 1884, t. 13, pp. 110-113.
8. COROMINAS, Joan ; PASCUAL, José A. *Diccionario crítico etimológico castellano e histórico*. Madrid: Gredos, 1980.
9. *Corpus de Referência do Português Contemporâneo*. On-line (www.clul.ul.pt/pt/recursos/183-reference-corpus-of-contemporary-portuguese-crpc)
10. *Corpus Lexicográfico do Português*. On-line (clp.dlc.ua.pt)
11. *Dicionário da Língua Portuguesa da Porto Editora*. On-line. (www.infopedia.pt/lingua-portuguesa/)
12. *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*. On-line (www.priberam.pt/dlpo/).
13. ERNOUT, Alfred; MEILLET, Antoine. *Dictionnaire Etymologique de la Langue Latine. Histoire des Mots*. Paris: Klincksieck, 1966 (1985 reimp.)
14. FIGUEIREDO, Candido de, *Novo Dicionario da Língua Portuguesa*. Porto: Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1899.
15. HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro, *Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa 2009*. CD-ROM. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

16. MACHADO, José Pedro, *Dicionário etimológico da língua portuguesa: com a mais antiga documentação escrita e conhecida de muitos dos vocábulos estudados*. 6ª edição. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.
17. NEBRIJA, Elio Antonio de. *Dictionarium latino-hispanicum*. Salamanca, 1492.
18. PEREIRA, Bento, *Prosodia in vocabularium bilingue, Latinum, et Lusitanum digesta [...]* *Septima editio auctior, et locupletior [...]*. [Inclui: Thesouro da lingua portugueza]. Eborae: Typographia Academiae, 1697 (1ª ed. 1634).
19. PIEL, Joseph Maria, Uma etimologia bem estabelecida, aventurosamente contestada: bravo < barbarus, *Verba*. *Anuario Galego de Filologia*, 3, 1976, páxs. 5-10.
20. PINTO, Luiz Maria da Silva. *Diccionario da Lingua Brasileira por Luiz Maria da Silva Pinto, natural da Provincia de Goyaz*. Ouro Preto: Typographia de Silva, 1832.
21. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, *Nuevo tesoro lexicográfico de la lengua española*. On-line (buscon.rae.es/ntlle/SrvltGUILLoginNtllle)
22. SILVA, António de Moraes, 1789, *Diccionario da lingua portugueza composto pelo padre D. Rafael Bluteau, reformado, e accrescentado por Antonio de Moraes Silva natural do Rio de Janeiro*. Lisboa: Simão Thaddeo Ferreira, 1789.
23. SOARES, António Joaquim de Macedo, *Diccionario brasileiro da lingua portugueza: elucidario etymologico critico das palavras e phrases que, originarias do brazil, ou aqui populares, se não encontrão nos dictionarios da lingua portugueza, ou nelles vêm com forma ou significação diferente (1875-1888)*. Separata de Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, 1889.
24. *Tesoro della Lingua Italiana delle Origini*. On-line. (tlio.oivi.cnr.it/)
25. *Trésor de la Langue Française Informatisé*. On-line. (atilf.atilf.fr/tlf.htm)
26. *Vocabulário Ortográfico do Português*. On-line (www.portaldalinguaportuguesa.org/index.php?action=vop&page=info)

ABSTRACT: The use of the adjective *bravo* is well documented in the Portuguese textual tradition, allowing a recorded history of its semantic and derivational evolution.

The etymological relationship to the Latin adjective *BARBARUS* is, now days, commonly accepted. Its meaning (roughly ‘ferocious’, ‘inhuman’) is inherited from this etymon and it is still available. *Bravo* exhibits another meaning, however, which is almost the opposite of the first one, since it is related to ‘courage’ or ‘braveness’. Furthermore, in Brazilian Portuguese, we find two distinct forms: one of them, *bravo*, is identical to the form that is available in European Portuguese, identically polysemic; the other one, *brabo*, carries exclusively the negative meanings.

Our purpose is to understand the behavior of these words and of all those that are morphologically related to them, by means of comparison of metalinguistic sources, considering the most representative dictionaries from the 16th to the early 20th centuries.

KEYWORDS: *bravo*; etymology; morphology; Portuguese lexicography.

Recebido no dia 05 de junho de 2011.
Artigo aprovado para publicação no dia 31 de julho de 2011.